



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA FRANCISCO
AOS PARTICIPANTES NO ENCONTRO INTERNACIONAL
"A IGREJA EM SAÍDA. RECEPÇÃO E PERSPECTIVAS
DA EVANGELII GAUDIUM"**

Sala Régia

Sábado, 30 de novembro de 2019

[Multimídia]

Queridos irmãos e irmãs!

Nestes dias éreis numerosos, vindos de muitas partes do mundo, para reler a *Evangelii gaudium*. Agradeço-vos por isso e estou grato a D. Fisichella pelas suas palavras e também por realizar este trabalho. Estou certo de que levareis para casa com entusiasmo os frutos destes dias de encontro.

Gostaria de dizer muito simplesmente: *a alegria do Evangelho* brota do encontro com Jesus. Quando encontramos o Senhor somos inundados por aquele amor de que só Ele é capaz. Então, «quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos» a vida muda e «alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. Aqui está a fonte da ação evangelizadora» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 8). Porque neste ponto a necessidade de o anunciar surge espontaneamente, torna-se irreprimível, até sem palavras, com o testemunho. Começou assim começou a evangelização, na manhã de Páscoa, com uma apóstola, Maria Madalena, que, depois de encontrar Jesus ressuscitado, o Vivente, evangelizou os Apóstolos. Estava no sepulcro de Jesus com muitos sentimentos tristes no coração: à dor pela perda do Mestre juntaram-se o medo pelo futuro e a perplexidade pela alegada violação do sepulcro. Mas o seu pranto transformou-se em alegria, a sua solidão em consolação depois de ter encontrado em Jesus o amor que nunca desilude, que nunca abandona mesmo diante da morte, que dá força para encontrar o melhor de si mesmo. É verdade para todos: «A nossa tristeza infinita só se cura com um amor infinito» (*ibid.*, 265).

A experiência de tantas pessoas hoje não está longe daquela de Maria de Magdala. A nostalgia de Deus, de um amor infinito e verdadeiro, está enraizada no coração de cada homem. Precisamos de alguém que ajude a reanimá-la. Precisamos de anjos que, como para Maria Madalena, tragam boas notícias: anjos de carne e osso que se aproximam para enxugar lágrimas, para dizer em nome de Jesus: «Não tenhais medo!» (cf. *Mt 28, 5*). Os evangelizadores são como anjos, como anjos da guarda, mensageiros do bem que não dão respostas prontas, mas partilham a pergunta da vida, a mesma que Jesus dirigiu a Maria chamando-a pelo nome: «Quem procuras?» (*Jo 20, 15*). *Quem* procuras, não *o que* procuras, porque as coisas não são suficientes para viver; para viver é preciso o Deus de amor. E se com este seu amor pudéssemos olhar para o coração das pessoas que, pela indiferença que respiramos e pelo consumismo que nos esmaga, muitas vezes passam diante de nós sem que nos apercebamos, poderíamos ver antes de tudo a necessidade deste *Quem*, a busca de um amor que dura para sempre, a pergunta sobre o sentido da vida, sobre a dor, a traição, a solidão. São inquietações diante das quais não bastam receitas nem preceitos; é necessário caminhar, caminhar juntos, tornar-se companheiros de viagem.

De facto, aquele que evangeliza nunca pode esquecer que está sempre a caminho, em busca com os outros. Portanto, não pode deixar alguém para trás, não pode dar-se ao luxo de manter à distância aquele que luta, não pode fechar-se no seu pequeno grupo de relações confortáveis. Quem anuncia não procura fugir do mundo, porque o seu Senhor amou tanto o mundo que se entregou, não para o condenar, mas para o salvar (cf. *Jo 3, 16-17*). Aquele que anuncia realiza o desejo de Deus, que ama os que estão distantes. Não conhece inimigos, apenas companheiros de viagem. Não se apresenta como mestre, sabe que a busca de Deus é comum e deve ser compartilhada, que a proximidade de Jesus nunca é negada a ninguém.

Queridos irmãos e irmãs, não nos detenha o temor de errar nem o medo de percorrer novos caminhos. Na vida todos cometemos erros, todos nós. É normal. Não há prioridades a antepor ao anúncio da ressurreição, ao *querigma* da esperança. As nossas pobreza não são obstáculos, mas instrumentos preciosos, porque a graça de Deus manifesta-se na fraqueza (cf. *2 Cor 12, 9*). Precisamos de nos confirmar numa certeza interior, na «convicção de que Deus pode atuar em qualquer circunstância, mesmo no meio de aparentes fracassos» (*ibid.*, 279). Precisamos de acreditar verdadeiramente que Deus é amor e que, por conseguinte, não se perde obra alguma feita com amor, nenhuma preocupação sincera pelos outros, nenhum ato de amor a Deus, nenhuma generosa fadiga, nenhuma dolorosa paciência (cf. *ibid.*). Para difundir a mensagem, precisamos de ser simples e ágeis como nos Evangelhos pascais: como Maria, que está desejosa de dizer aos seus discípulos: «Eu vi o Senhor!» (*Jo 20, 18*); como os Apóstolos, que correm ao sepulcro (cf. *Jo 20, 4*); como Pedro, que se lançou à água por Jesus (cf. *Jo 21, 8*). Precisamos de uma Igreja livre e simples, que não pensa em retorno de imagem, em conveniências nem lucros, mas Igreja em saída. Alguém disse que, para ser fiel, a verdadeira Igreja de Jesus deve estar sempre em déficit orçamental. Isto é bom: o déficit.

Pensem nos primeiros cristãos, que não eram amados, foram perseguidos e não se queixaram do mundo. Lendo o Novo Testamento, percebe-se que não se preocupavam em se defender de um império que os matava, mas em proclamar Jesus, mesmo à custa da própria vida. Portanto, não nos deixemos entristecer pelas coisas que não correm bem, pelo cansaço, pelas incompreensões, pelas incompreensões, pelas tagarelices, não: são pequenas coisas diante da «maravilha que é o conhecimento de Cristo Jesus, nosso Senhor» (cf. Fl 3, 8). Não nos deixemos contaminar pelo derrotismo segundo o qual tudo corre mal: não é o pensamento de Deus. E os tristes não são cristãos. O cristão sofre muitas vezes, mas não cai na tristeza profunda da alma. A tristeza não é uma virtude cristã. A dor sim. Para não nos deixarmos roubar o entusiasmo do Evangelho, invoquemos todos os dias o seu Autor, o Espírito Santo, o Espírito da alegria que mantém vivo o ardor missionário, que faz da vida uma história de amor com Deus, que nos convida a atrair o mundo só com o amor, e a descobrir que a vida só se pode possuir com o dom. É dando que se possui, despojando-se de si mesmo. E também com a surpresa, o espanto de ver que antes de chegarmos, há o Espírito Santo que já chegou e nos espera ali.

Agradeço-vos de coração o bem que doais. Abençoo-vos e peço-vos que rezeis por mim. Obrigado.